COMENTÁRIOS E DEBATES

A DISSUASÃO NUCLEAR, PURO BLEFE

DJACIR MENEZES*

Vale a pena ler, reler e meditar o ensaio publicado em *Política e Estratégia* (v. III, n.º 2, abr./jun. 1985), de autoria do Prof. Nicolas Boér, intitulado Dissuasão nuclear e moral católica. Nele há honesta abordagem a várias questões emergentes dessa política criminosa da dissimulação propiciatória do conflito nuclear que se está preparando nas retortas dos interesses internacionais.

Às tantas, o articulista assevera que "as posições do papa parecem estar sintonizadas com a estratégia dos EUA e da Otan, dando-lhes o apoio moral do magistério supremo da Igreja católica".

Temos aplaudido os esforços do grande pontífice — mas não podemos deixar de reconhecer que o líder que fala inspirado no Sermão da Montanha, se quer corresponder ao seu *múnus* evangélico, tem que pôr de lado as tergiversações das cartas pastorais, as comissões especiais e as sinuosidades das vias dos episcopados nacionais e lançar a sua maldição apostólica a todos que conjuram a perdição do mundo. Sabemos que essa medida não fará girar para trás a roda da história, mas...

A distinção entre guerra convencional e guerra nuclear prolonga, na esfera especulativa, um casuísmo sinistro, que se usou outrora quando se tagarelava sobre guerra *justa* e guerra *injusta*. Para refrescar a memória e reaquecer o medo, basta. Há uma frase admirável no ensaio que comentamos: "Nenhuma moral respalda Hiroshima contra Auschwitz." E vice-versa.

A cavilação moral dos episcopados que ficam a meio caminho da verdade não conduz à paz, mas a essa diplomacia que festeja (ainda assim, obliquamente!) o programa de uma "dissuasão nuclear", que se alimenta dessa distinção escolástica do *ius ad bellum* e do *ius in bello*.

Tais artimanhas favorecem resvalar no escorregadio de um escolasticismo traiçoeiro que camufla a colocação verdadeira do problema. Daí essa pregação mendaz do "não-uso das armas nucleares" — porque a sua fabricação mantém a expectativa básica do blefe pacifista. Eis a "dissuasão": não desarmar o dilema sinistro, que é uma das molas mais fortes dessa moralização afagada pelos grupos econômicos de alto bordo.

Ficamos sabendo que o episcopado alemão condenou a propagação do desarmamento unilateral. Por quê? Sugeria a suspeita de fraqueza da parte renunciante à corrida armamentista, o que decerto influiria na lucratividade dos respectivos mercados. Dessas posições resultou a análise hostil à Igreja católica, cuja moral vacilava ao calor das pendengas entre o controle das armas, a dissuasão e o uso em perspectivas alarmantes.

* Ex-reitor da UFRJ.

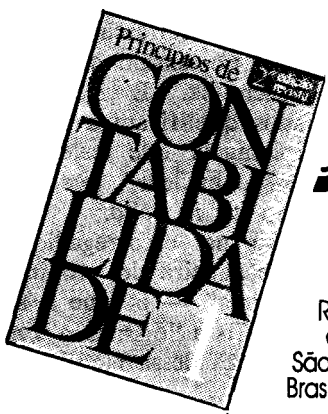
Para quase todos que defendem essa política, cumpre defender o sentido ético encoberto nessas teses em que se afirma a "politização da moral" — que, no final de contas, resulta na mais torpe e velhaca camuflagem ideológica do conflito acalentado por gregos e troianos.

O certo é que as guerras que estão ensangüentando várias partes do mundo são "legítimas" porquanto se empregam armas convencionais. Os morticínios que vemos nas tevês e lemos na imprensa entraram no domínio do cotidiano. As potências nucleares não se enfrentam e ficam na zona obscura e em uma abstinência perigosa para a paz do mundo.

Princípios de

Contabilidade

volumes 1 e 2,
de Niswonger & Fess
2.ª edição revisada



Veja e compre nas
Livrarias da FGV:
Rio - Praia de Botafogo, 188
e Presidente Wilson, 228-A
São Paulo - Nove de Julho, 2029;
Brasília - CLS 104 - Bloco A, loja 37